

A política do Sintoma VI[♦]

Marcus André Vieira

Identidade

Conteúdo

Uma mãe apóia a filha	1
A montagem de uma identidade	3
Reconhecimento do Outro.....	4
Nomeação (Sobre o furo).....	6
Conceitos.....	8
Freud sem nome	9

Hoje, a partir do caso de Suely Azevedo, apresentado pela Paula Borsoi, e do texto “Distúrbio de Memória na acrópole”¹, vamos tratar do tema do sintoma como nomeação.²

Uma mãe apóia a filha

Paula Borsoi

O caso está relacionado a uma montagem sintomática, um arranjo envolvendo essa mulher com uma de suas três filhas (a mais velha). Nossa paciente inicia as internações com 37 anos, quadro delirante persecutório, momento no qual ela não reconhecia mais as filhas nem o marido dizendo que eles haviam sido substituídos por outros. Acusava o marido de ter cometido alguns crimes que ela pagava com essas substituições. Enfim, ela tem esse sintoma de não reconhecer as pessoas, o que na psicopatologia é conhecido como ??.

[♦] Sétima Aula do Curso Sintoma e Invenção da EPB-Rio realizado no Instituto Philippe Pinel no dia 3 de julho de 2008. Texto e notas estabelecidas por Leandro Reis (não revisadas pelo autor).

Com o marido, porém, a situação é mais complicada, pois ela diz não ser piranha pra cada dia transar com um homem. O marido perdeu um dedo em um acidente de trabalho e esse é um dos motivos que faz com que ela não o reconheça, mas não temos dados que confirmem se esse acidente ocorreu logo no primeiro desencadeamento.

Percebemos que de partida algo de uma imagem corporal desarranjada a deixa muito mal, pois, além desse episódio com o marido, há um episódio em que ela vê, nas férias, uma fotografia da filha com a perna quebrada e isso a desestabiliza bastante.

A idéia de que há uma arrumação sustentada no eixo filha-mãe se funda na idéia delirante, de que se fala um pouco no início da doença, quando a Suely começa a trabalhar com a paciente. *“Me conta[Denise] sua história e percebo que dá ênfase ao estupro, tento saber melhor disso e é quando Denise me diz: “doutora, se minha mãe fosse minha mãe de verdade, teria me apoiado quando fui estuprada, cheguei em casa cheia de sangue, com as roupas rasgadas e chorando, ela me xingou, mandou eu me prostituir. Uma mãe apóia a filha nesse momento, eu sei porque sou mãe”.* Ela só vai encontrar sua estabilização junto à sua própria filha do seguinte modo: ela só pode ser mãe dessa garota quando percebe que esta não é filha dela. Há um arranjo sintomático que inclui a mãe e a filha nesse momento em que ela não reconhece a filha como filha, apacando dessa forma a experiência muito devastadora com a própria mãe.

Denise se separa do marido e constitui outra família levando a filha para morar com o novo marido. Suely descreve algumas situações onde ela é tomada por não compreender alguma palavra ou fato, *“era importante que eu pudesse ser clara e responder, como por exemplo, o significado de ‘ré’ no processo , ou quando ela perde o nome de casada ela não reconhece seu próprio nome nas receitas, dessa forma , era preciso trocar o nome das receitas se não ela não as levava.”* Enfim, no caso há uma série de situações que o tema da significação está em questão. Ela pergunta para Suely o que está escrito e não suporta que as coisas sejam modificadas.

Há uma pontuação muito importante da Suely quando diz que no momento em que a paciente chega muito angustiada: *“Em outra ocasião chega muito angustiada. Foi ao médico do posto que lhe deu um xarope pois está com muito catarro no pulmão “ tá saindo uma gosma”. Seus pais estão indo para sua casa, pois ficaram preocupados com ela. Chora muito e aos gritos diz que está certa de que teve um filho “tiraram ele de mim...não se tira um filho de uma pobre mãe” e fica repetindo “tiraram meu filho”, ouço em silêncio e ela continua “aquela mulher não é minha mãe nem aquele velho é meu pai” “minha filha não é a minha filha, trocaram ela, não falo mais isso para ela para não magoá-la, mas ela foi trocada” aos gritos me pergunta “ Doutora quem é minha mãe?” e repete várias vezes a pergunta, então respondo “infelizmente é essa mesmo, a Dona Maria”.*

Esse ‘infelizmente’ faz com que ela possa retomar algumas coisas e dá um peso, uma medida. Essa idéia de que ela precisa temperar as coisas que ela diz para a filha, pois esta se magoa é o que nos faz pensar que ela só pode ser mãe dessa menina quando ela reconhece que a filha não é filha dela. Esse é o tempero encontrado para essa questão.

Outra coisa que fomos discutindo no núcleo de psicose do ICP: ela fala das preocupações com a filha: estudo, dinheiro, das saudades da outra filha, um momento em que a filha não

obedece, pois “*Ser mãe é cuidar da casa, fazer a faxina, fazer a comida, economizar para comprar roupas bonitas para a filha que é jovem e precisa estar ‘arrumadinha’.*”

Ela tem vários significados que dizem sobre o que é ser mãe, mas não é nenhum deles que vai torná-la mãe dessa menina. Não é por economizar, arrumar a casa que ela é mãe. A estabilidade dele não vem daí. E sim dessa relação com a filha mais velha em que um processo de reconhecimento de estabelece. A partir dela uma filha, que não é filha, permite que uma mãe, que que não é mãe, se reconheça como tal.

A montagem de uma identidade

1. O “Prêt-à-Porter”

Parece que chegamos a algo complexo que se enuncia assim: “ela funda sua maternidade exatamente na certeza de não ser mãe”. Precisamos esclarecer os caminhos que nos fizeram chegar a isso. O primeiro ponto que devemos modificar se queremos sustentar essa construção é nossa crença de que somos algo quando sabemos o que é esse algo. O saber não dá, por si só, existência. Sei muito sobre os unicórnios, isso não quer dizer que eles existem. Ela o demonstra ao contrário: ele sabe ser mãe, mesmo sem ser. Em outros termos, minha identidade não será conferida pelo fato de ter acesso ao saber que corresponde àquela identidade. Há qualquer coisa em vestir um personagem que vai além de saber como deve se comportar este personagem. Ser mãe vai além dos sentidos do que é ser mãe, por exemplo, “limpar a casa”, “fazer comida”.

Estamos aparentemente no oposto de Wittgenstein que reduz o saber a seu uso: se sei me comportar como mãe, sou mãe. Não quero, por isso, cair nas profundezas da transcendência, ninguém está dizendo que uma identidade depende de um além, mas que a certeza de uma identidade requer uma montagem um pouco mais complexa do que apenas desempenhar o papel. No mínimo será preciso a participação de alguns elementos inconscientes, algo fora de cena, que é vital para que alguém desempenhe bem seu papel. A metáfora do jogador é a melhor: para jogar bem não basta saber o que fazer, mas possui uma série de saberes, bem práticos, fora de cena. É o que Bourdieu chama *habitus*, ou nós de experiência. Acho que até Wittgenstein concordaria com isso.

O que é ser mãe faz parte do acervo da cultura - ela não está inventando nada nesse sentido - todos têm acesso a isso. A psicose não é falta de acesso ao sentido, a questão é o modo pelo qual o sujeito amarra para si uma identidade. Dizemos isso, pois pode-se tomar o psicótico como ignorante do sentido, ora, saber o que é uma mãe está no mundo, o problema é como se arranjar com certo número de saberes e significados e algo mais para poder dizer: “- Eu sou”. Porque poderia-se colocar essa questão como um descobrir eterno, “tornar-se mãe”. Enfim, a primeira questão ensinada pela paciente é que não é pelo fato de saber sobre algo que se é algo.

2. Identidade imaginária

A seguir há uma primeira montagem que temos chamado durante curso de montagem pelo imaginário, não é essa que desenvolvemos hoje, já a abordamos ao falar do corpo. Essa primeira montagem é exatamente fixar sentidos. Dizer que isso não basta não é dizer que a

reunião dos saberes consicentes sobre uma identidade não produz uma. Não é que isso não forneça uma identidade, mas com certeza ela é um pouco engessada, pois basta perder algum dos elementos do kit, para que a coisa fique em dúvida. Em nosso caso, ela se desestabiliza pela fratura na perna da filha vista na foto. Mudanças na imagem identitária que a sustenta a fazem entrar em crise. É o que Lacan metaforizava com o banquinho de três pés (**ref**).

Podemos dizer, grosso modo, que a estabilização pelo imaginário corresponde a compor uma lista mais ou menos fechada de quesitos, do que corresponde a ser mãe, neste caso, e se ater a ela. É preciso ainda algum elemento real, geralmente alguém, para dar vida à coisa. É o que Lacan chama o “outrinho”, um amigo, um irmão, alguém próximo (pode ser um inimigo) que dá vida ao que acredita ser (a lista do que se acredita ser é dramatizada por Lacan no Estádio do espelho como o espelho do Outro).

Aqui também vale o dito acima: é fundamental que algo não esteja na lista para dar sustentação à lista. O ponto cego da lista é aquilo que sustenta para que se torne dinâmica. É o papel ocupado pelo ser real do outrinho. Mas isso é muito instável, é preciso que esse ponto cego seja incluído no sintoma. É o que fazem ditos como “Ser mãe é padecer no paraíso”, ou “desdobrar, fibra por fibra o coração”. Dessa forma, ser mãe é tudo isso e mais alguma coisa. Isso é a nossa grande questão. Como que se inclui isso que ninguém sabe dizer o que é, mas que é ele justamente que faz com que as outras, talvez, não sejam perfeitas? Só poderei me servir do “ser mãe é padecer no paraíso” se tiver essa outra coisa da qual não se pode dizer. Sem ela, tenho que me apegar exatamente ao significado.

Esse jogo do imaginário é muito importante porque ele funciona o tempo todo. Quando algo se sustenta pelo imaginário, não se pode mexer com ele. O imaginário lacaniano, tal como a pulsão de vida freudiana é o reino das estátuas, de grandes agregados estáveis, nos termos de Freud. São vários pedaços-tijolo. Ao se retirar um, o todo se desmonta. Aquilo que faz com que um todo se faça mais virtual e mais dinâmico é adicionar a esses pedaços um que não sabemos bem localizar sendo este o lugar do verdadeiro sustentador. A isso damos o nome de furo e que imaginamos que ela construiu com Suely e com a filha mais velha³.

Reconhecimento do Outro

Suely

É importante lembrar a relevância do reconhecimento. A filha disse para ela recentemente: “Eu não tenho um pai presente, mas você é a melhor mãe que alguém poderia ter”... Então tem a história da gravidez, onde ela dizia que estava grávida, se desmonta a partir daí. Acredito que a filha dizer que “Você é a melhor mãe” “você é uma boa mãe” ou eu mesmo dizendo, aquela confusão inicial é aplacada.

Paula Borsoi

A primeira montagem delirante que ela faz é com a própria mãe dela e por isso a filha ajuda nesse sentido que a Suely está falando. Por que a montagem é inicialmente sobre a mãe dela, uma mãe devastadora e depois com a própria filha dela. Esse reconhecimento da filha gera

algum impacto nela sobre esse aspecto da mãe. E a filha reconhece também que sua avó realmente é uma pessoa difícil de lidar.

Marcus André

Há algo que atende pelo nome de reconhecimento e é nisso que está incluído o ponto cego na lista, na conta. Enfim, reparamos que essa estabilização é mais viva e aceita mais variações, pois imagino que essa filha mais velha possa também ter aparecido com o pé quebrado sem tantos problemas... Parece que o que seria um problema em relação a filha mais nova não seria em relação à filha mais velha. Tem alguma coisa que acontece entre ela e a filha mais velha, esse reconhecimento, que garantiria esse ponto cego na conta.

A frase assinalada por Suely me soa mais como o efeito da estabilização do que como causa. Temos que nos perguntar como se construiu reconhecimento. Porque alguém dizer “Tu és minha mãe” não garante que o “tu” na maternidade se reconheça. Neste frase um eu se constitui como filha ao erigir o tu como mãe, mas nem sempre o Outro entra no jogo, como é o caso de Denise com sua filha mais nova, como foi o caso dela com sua mãe. O na montagem com a filha mais velha produz um reconhecimento válido?

Diremos que é justamente por uma não ser mãe e a outra não ser filha que se pode ter uma leveza na relação. É uma espécie de me engana que eu gosto. Essa montagem é altamente complexa. Parte-se do delírio que seria um primeiro sintoma, esse não reconhecimento das pessoas. Não é por ela dizer que suas filhas não são suas contra tudo e contra todos, é dizer que todos não são ou, pelo menos, as filhas não são, e porque elas não são, que ela(a paciente) pode ser mãe dessas filhas. Porque elas não são ela sabe que ela é mãe. Estamos no vai e vem da história.

Quando uma coisa é e não é justamente nesse lugar que alguma coisa pode operar. É isso mesmo que se quer dizer e isso que sustentamos. Esse curso também é uma tentativa de fazer uma cartilha para Saúde Mental, então quando uma coisa é fixamente deve nos preocupar, mas quando se tem dúvida (é e não é) tranquilize-se.

É uma montagem complexa, mas talvez quando dizemos que os CAPS é um serviço de alta complexidade não é para dizer que os pacientes são graves. É para dizer que CAPS é para pacientes complexos e que o psicótico às vezes apresenta montagens muito complexas... Quando ele está ali parado olhando para o teto, é altamente complexo mesmo assim. É uma equipe que está lidando com casos complexos. E não por que já que ele é ruim, mas muito simples, nós temos que ser complexos para complexificá-lo.

Paula Borsoi

Tem uma simplicidade dentro dessa complexidade. Não que iremos ficar procurando, mas tem uma sutileza dependendo do que iremos enfatizar. Se enfatizarmos essa idéia de que ela precisa reconhecer a filha como filha, ou seja, enfrentar esse sintoma colocando algo que deveria ser ou poderia ser podemos desanranjar tudo que ela já construiu.

Marcus André

Poderíamos perguntar que, já que esse sintoma estende-se a todo mundo, porque elegemos as filhas. Tenderíamos a escolher isso porque na cultura essa relação é importante, mas ao mesmo tempo a afastar isso, por que os sentidos da cultura são os mesmos que engessam. Temos que olhar a montagem.

Outro motivo é o simples fato que foi desse ponto que a própria paciente partiu, pois ela começa a construção dela antes mesmo do tratamento, quando diz se minha mãe tivesse me apoiado. Ou seja. a tentativa dela é entorno das filhas e por isso as filhas estão envolvidas. Isso passa por ela não é minha filha ela não é mãe, recobrimento dos dois nãos. Que eu chamei de “me engana que eu gosto.” Isso faz lembrar justamente o esquema da Alienação e Separação no Seminário 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise⁴ onde Lacan explica exatamente com um sujeito se constitui. A idéia de que o outro não tem alguma coisa eu também não tenho alguma coisa isso cria-se um espaço que talvez Winnicott chamasse de espaço potencial. É nesse espaço onde se cria o tal ponto cego.

Nomeação (Sobre o furo)

Por que chamar esse sintoma estabelecido com a filha mais velha de nomeação e não de criação, por exemplo, ou identificação? Sim, esse caso ilustra a nomeação. Temos que lembrar que essas montagens são um nó, todas elas se envolvem, mas cada uma parece privilegiar um aspecto. Nesse caso vemos também uma certa produção, porém não é um artefato como o cachorro no caso passado enquanto Identidade era o ator. Na primeira vez no caso da Fernanda e também da Sylvie, tínhamos a produção de um corpo. Não era exatamente um artefato, e sim uma identidade que se produz. Aqui poderíamos, talvez, dizer que é uma identidade que é produzida - as características de uma mãe-, mas nos interessamos aqui saber como isso ganha vida. No caso da Sylvie quando ela marca/risca o corpo fixava alguma coisa nesse corpo. A produção com os riscos era de um corpo. Depois a produção com os saltimbancos era de um objeto, o cão como um personagem, agora a produção é de um nome. Agora temos o desafio de dizer o que é nome. O quê nos faz chamar de simbólico nesse casp?

A parte mais especulativa talvez seja o seguinte: ela se apresenta dizendo “eu sei que é mãe e por isso eu posso cuidar da minha filha que não é”. Nós estamos invertendo a ordem porque não se sabe se o que falamos é aqui que foi montado primeiramente. O esquema é sempre na retorativo. Ou seja, é porque ela sabe cuidar de uma filha que não é filha que ela é mãe e a partir daí há uma relação mediada por um nome vazio. Ela sabe dizer o que uma mãe sabe fazer, mas o que diz a ela que ela é mãe com certeza ela não sabe dizer.

Paula Borsoi

Tem uma coisa que ela diz sobre a filha : não é filha ela mesma faz essa inversão Pois ela tem a certeza de que é mãe, só não tem certeza de quem é filha. Ela faz pois ela tem uma certeza de que é mãe, mas de alguém que não é filha. É bastante sutil por isso pois devemos estar atento à construção que ela própria faz.

Elisa Werlang

Nada mais simbólico que isso algo que representa alguma coisa para alguém.

Marcus André

Estamos sempre tentando tirar conseqüências inscritíveis do que falamos aqui. Esse caso nos mostra que, se observamos com cuidado, essa montagem que vai sendo feita pela paciente já está lá. Talvez como ponto geral, essa porposta nos lembra que muitas vezes a saída é piorar para melhorar, ou seja, a idéia de que o delírio é “uma tentativa de cura”⁵, de certa forma, é o que fazemos. Então, tira-se seu ponto patológico e a sua maneira de adoecer é a sua maneira de se resolver então daremos meios para que essa forma de adoecer se transforme em saúde. Isso é basicamente o que fazemos como regra geral.

Faelemos mais sobre esse tópico do simbólico. Mas para isso precisamos deixar alguns conceitos de lado que consiste no dizer que o psicótico não tem simbólico e daí seu labor delirante. Estamos falando de um caso altamente complexo e que é um caso de psicose, mas podemos fazer ligações com a nossa experiência que não é tão distante assim.

Quem nunca se olhou no espelho e disse: Esse não sou eu? Isso para dizer que, mexendo no imaginário será preciso de alguma outra coisa, pois não é do imaginário que virá certeza que aquilo ali refletido é você. Pelo contrário ele está dizendo que aquilo ali não é você. Essa despersonalização que pode invadir o sujeito. Essa experiência do espelho, que não é a de alguém com outro alguém. Ou seja, se for pelo imaginário eu preciso quase todo dia me certificar de que aquilo ali refletido sou eu para que eu possa incorporar cada verruga que eventualmente aparecer.

É um trabalho em torno de que? Porque não é a partir da cicatriz ou da mancha que eu vou fazer. Temos a impressão de que somos prontos e o trabalho analítico consiste em trazer essas manchas e cicatrizes - que aparentam na realidade serem ruins e por isso sofremos. Mas não! Acontece que a cada mudança tem-se uma crise. Qualquer mudança na imagem é uma crise que crise pede ajuda a alguma coisa. Essa alguma coisa que nós estamos chamando de simbólico. Então nesse momento o simbólico - isso que não é imagem- ajuda a fazer, como ponto cego, a estabilização da imagem. A estabilidade da imagem não se dá pelo fato de ela ficar fixa – isso é a estabilidade da estátua. Por estarmos vivos essas características vão sempre mudar e a vida é justamente essa dinâmica da mudança. Dessa forma, o quê sustenta esse grupo de características não pode ser um de seus elementos e sim um ponto que não entra nem sai, uma coisa que não é e que costumamos chamar rapidamente de simbólico - que assimilamos, com Lacan no Seminário 23: O *sinthoma*⁶, como furo. Ou seja, se algo define o simbólico é furo. Só que ele não pode ser entendido como buraco na imagem. A esse respeito, nossa discussão sobre o corpo mostrou que um buraco na imagem pode ser só um buraco. Para haver o furo, ele deve ter uma passagem para o desconhecido, uma espécie de presença entranha no fundo dele.

Estou apenas agenciando os três elementos que mobilizamos nesse curso. A presença estranha é o objeto a, resto, a unha, uma séria de coisas que nomeamos com infinitas metáforas. O furo é a marca o corte, o risco, que remete e é o vazio – ainda que seja habitado por um

mistério. Esse mistério fora do corpo é o resto. Dessa forma o simbólico seria esse furo que se inscreve. E ele se inscreve porque alguma coisa saiu, o objeto a.

Definimos o furo com a idéia daquele texto do corpo. O furo é uma marca que remete a uma perda. Experimente “mapear” o corpo de alguém uma ciatriz é a marca que alguma coisa caiu por ali. Por isso que usamos muito termo secreções corporais para exemplificar o que seja o objeto a, pois elas acabaram de sair. Não há casa mais viva do que aquela que acabou de se limpar. Esse brilho da casa limpa é o que chamamos de furo. E o lixo é aquilo que garante que esse brilho é o furo.

Dessa forma não adiantaria dizer que, no caso, a paciente conseguiu com a filha criar o furo. Pensamos que nós, temos o furo, e se ela conseguiu criá-lo bom pra ela. Não! Temos que pensar queu nós mesmos não temos o furo de saída. Enfim, nós criamos e recriamos esse furo o tempo todo e nisso expulsando coisas o tempo todo. Essas coisas ficam retornando com preenças estranhas. São elas que estão escondidas no buraco.

Conceitos

Organizando a carga conceitual do curso. Temos o objeto a, o falo ($-\phi$) e a imagem corporal (a' ou ego). Lacan mais tarde chama de consistência (imagem), furo (o que caímos de marca, traço), e de ex-istência o que chamamos de real e que estamos chamando de objeto a. O lixo é aquilo que ex-iste a uma casa. Ele faz parte da casa? Não, mas também. As secreções os restos corporais, isso tudo é o que Lacan chama de ex-istência. Sem ele as coisas não têm vida, mas os três elementos têm sua importância.

A base dessa idéia é que o ser humano é complexo e que não pode ser pensado como um todo. A idéia de um todo de consistência é uma parte dele. O que eu tenho que me diz que eu sou eu é justamente aquilo que vende-se no supermercado do Outro. Não tem nada que diga que eu sou eu é tudo dado pelo outro. Tudo que Lacan chama de consistência e imaginário está no mundo é monótono, estátua, instituído. Se o sujeito não se agencia pelo furo e pela ex-sistência ele é apenas estátua. Se há vida é por haver uma conjunção de consistência – dada pelo Outro –, de furo – a nomeação -, e de ex-sistência – o resto.

O furo é aquilo que eu suponho que ficou marcado no corpo pela extração de um resto que agora passa a ex-istir. Pensem que o que encanta no corpo, a marca, remete sempre a outra coisa. No mínimo, pensamos se mergulharmos ali chegaremos a outra coisa. Tem uma alteridade que está implícita, suposta pelo furo. Dessa forma, podemos dizer que no campo da saúde mental não há sujeito sem referência (no sentido *latu senso*), trabalho e moradia.

Voltando rapidamente ao caso, quando a mãe dela aparece, sem essa montagem, é uma presença e por isso insuportável. Isso não é ex-sistência. Justamente o que Lacan quer marcar é que há alguma coisa estranha que não está aqui, mas que pode vir a estar. A nossa montagem consiste em algo no corpo que eu não sei dizer, mas eu não estou vendo. Se encontrar com algo que deveria estar ex-istente aí é trauma. A presença da mãe dela é *existente*. Essa densidade devastadora é justamente que algo não está funcionando para que se suporte a alteridade do

Outro. Temos uma montagem para entrar em contato com ela sem ser diretamente que requer um mediador meio furado.

Freud sem nome

“Distúrbio de memória na acrópole”. Freud foi viajar para Roma com o irmão ele tinha por volta de 48 anos. Decidiram ir para Grécia, situação que lhes é sugerido ir a Corfu. Acabaram na Grécia no parque tenon. Diante aquele espetáculo arquitetônico ele sente uma coisa muito terrível a ponto de se lembrar disso pelo resto da vida. Ele escreve sobre isso em seguida, depois escreve novamente e por último escreve Distúrbio de Memória na Acrópole já com 80 anos. Ele começa assim: “Não é possível que isso seja verdade”⁷. Eu só quero dar uma idéia, pois o título evoca esquecimento e não é isso. Tem a ver com uma experiência muito forte que queremos aproximar de uma presença. Ele reconhece a presença de alguma coisa.

A primeira interpretação dele é que, quando pequeno havia estudado na escola ouvia e nunca acreditou, achava que era um sonho. Sempre sonhou em ir para Grécia e ver Atenas, a acrópole, porém quando encontro é como se alguém tivesse vendo monstro do Lago Ness⁸. É fortíssimo. E ele se pergunta o que é isso.

Já podemos tirar mil conseqüências disso. Não se pode encontrar aquilo que você queria, ou o que você sempre buscou. Se alguma coisa encarna o encontro total com aquilo que você quer, isso é mais angústia e despersonalização do que felicidade. É preciso que desse encontro sempre reste alguma coisa, ou sempre falte alguma coisa para o encontro. A blusa amassada por exemplo, é a marca de que o homem ideal ele tem algo é *over* e deselegante registrado na blusa amassada isso que é o furo. Mas isso remete alguma coisa que não está aqui porque ele está todo elegante. E por casa disse se mantém uma certa distância da coisa. Freud não encontrou com a marca exemplificada pela blusa amassada. Ele encontrou com outra coisa. Dizemos que esse texto narra o momento em que Freud não teve um nome. Nome aqui entendido como nome próprio - algo sem sentido, vazio.

O que é esse nome mãe para nossa paciente? A mãe primeira que devora é uma presença sem nome. Ela usa os nomes da cultura, mas o que chamamos de nome percebemos quando ela diz “eu sou mãe”. Essa mãe que ela é não guarda relações com a mãe dela, nem com a filha. Ess segundo “mãe” é um furo. Agora o que é mãe para ela dentro dessa construção a isso chamamos de no próprio que, por definição, é um nada. Podemos até encontrar as origens e fazer a genealogia da família, mas ele funciona como uma nada que assinala menos ainda.

O nome fica como lugar de onde se extraiu esse real ficando como furo e tudo que estiver em volta deste furo é o seu corpo. Agora pode-se usar a roupa que quiser. O nome e justamente essa coisa que entra lista descompletando-a sem aparecer e por isso mesmo a lista ela é dinâmica. O último passo é se perguntar: Que nome é esse que Freud não tem? Rapidamente dizemos Nome-do-pai. A última interpretação dele é dizer que o pai dele nunca foi para Grécia. Ele sempre sonhou em ir para lá, ainda que nunca tenha ido. Freud quando chegou lá sentiu que não podia ir além do seu pai. Dá uma impressão que ele quis ficar aquém⁹. Porém o que vacilou ali foi a função do nome. Porque ele era filho do pai dele e por isso era que era - ou seja, várias coisas em torno

desse vazio – ao ir além do que o pai foi o pai dele deixa de ser pai dele. Perde-se o nome. Freud termina com isso. Dizendo-se velho que não pode mais viajar e por isso Roland – seu filho- vou escrever para você essa história. Ele coloca-se nesse ponto onde parece ter se dado conta disse se desistindo. E nesse momento ele funciona de pai para o Normam Roland. Quando ele se desistiu não é que ele se acaba. Ele se acaba na acrópole com 48 anos porque ele não tem mais uma referência. Quando ele está velho ele se coloca como tal como o Jacob – pai dele- para o Roland, aí funciona. Ele é o Freud que escreveu tudo aquilo, mas que agora está com a produção esgotada.

Por exemplo, estava previsto q eu você faria tal e tal coisa “Eu pensei que ia morrer com 33 anos”. Alguma coisa me disse que morreria com 33 anos. E o sujeito faz tudo até os 33 é uma crise absoluta, pois falta nome. Eu era aquele que ia vivera até os 33, mas o que é isso não sei, ou seja, um ponto cego. Um jovem que deixou atrás de si um futuro brilhante. Todo jovem que promete ser alguma coisa ele vai ser, hora que deve ser é uma crise absoluta. Devemos marcar que o nome do pai é aquilo que a principio já está dado e ninguém pensa nele. Ela contruiu o nome que funciona em equivalência com o nome do pai. Gostaria de defender a idéia de que na psicose é tão robusto quanto dependendo da montagem. Uma montagem não prêt-à-porter, para fazer esse nome funcionar. Nesse caso vemos que mãe não quez dizer nada em si e por isso funciona. E por outro lado nome-do-pai é aquilo que vem sem que saibamos o que seja e que faz com que se saiba que em mim há algo que não sei dizer o que é graças a algo que eu herdei. Quando não se tem essa herança vai ter que se constriur um sinthoma. Terá que checá-lo para ver se pode fazer algo diferente com ele.

¹ FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XXII.

² Tanto o caso apresentado como boa parte dos comentários a ele foram posteriormente publicados como AZEVEDO, S., “Uma mãe apoia a filha” em *Caminhos de estabilização na psicose*, Rio de Janeiro, ICP – Andamento, 2011.

³ Com a filha mais nova ela fez o esquema que a gente chama de imaginário. Algo do tipo “eu sou mãe por isso, aquilo” Estamos dizendo que o imaginário é preso. É bem ao contrário do que o senso comum acha que o imaginário é uma profusão de imagens. O que é uma verdade, mas se nos agarramos a ele teremos uma consistência fixa ele é o reino das estátuas, dos sentidos que já vêm prontos. O Maximo possível nesse mundo é compor, uma identidade customizada. Como hoje somos obrigados a adicionar e retirar coisas a imagem para que ela fique viva.

⁴ JACQUES, Lacan. Seminário 11: Os Qutro conceitos Fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: JZE, 1998

⁵ FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIX pag 169.

⁶ LACAN, Jacques. O Seminário 23: o sinthoma. Rio de Janeiro, JZE: 2007.

⁷ “Pela evidência dos meus sentidos, estou agora na Acrópole, mas não consigo acreditar nisto” FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XXII pag 241.

⁸ FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XXII pag 239.

⁹ Freud encerra o texto comparando a desrealização ocorrida durante seu viagem a Grécia com a coroação de Napoleão em Notre Dame onde este diz ao seu irmão “O que Monsier noter Père teria dito disto, se ele pudesse ter estado aqui, no dia de hoje?”. Enfim, “parece como se a essência do êxito consistisse em ter realizado mais do que o pai realizou, e como se ainda fosse proibido ultrapassar o

pai” FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIX pag 245.